



LUÍSA  
COSTA  
GOMES

Florinhas  
de Soror  
Nada

A Vida de Uma Não-Santa

ROMANCE



D. QUIXOTE



Luísa Costa Gomes

FLORINHAS DE SOROR NADA



Luísa Costa Gomes

FLORINHAS DE SOROR NADA  
*A Vida de Uma Não-Santa*

Romance



D. QUIXOTE



Título: *Florinhas de Soror Nada – A Vida de Uma Não-Santa*  
© 2018, Luísa Costa Gomes e Publicações Dom Quixote  
Edição: Cecília Andrade  
Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel,  
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano  
Capa: Maria Manuel Lacerda  
Fotografia da autora: © Regina DeLuise  
Paginação: Leya, S.A.  
Impressão e acabamento: Multitipo

1.ª edição: Abril de 2018  
ISBN: 978-972-20-6470-5  
Depósito legal n.º 438 006/18

Publicações Dom Quixote  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide · Portugal  
[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Este livro segue a ortografia anterior ao Novo Acordo.

## ÍNDICE

I	Primeiro amor	17
II	Génese	23
III	Visitação	35
IV	Cela	45
V	Sacrifício	57
VI	Virtude	67
VII	Desgraça	77
VIII	Via dolorosa	89
IX	Martírio	107
X	Deserto	121
XI	Esposito	129
XII	Mundo	147
XIII	Vida	163



«There can be no peace on earth with calm with calm.»

GERTRUDE STEIN, *Four Saints in Three Acts*



Adeus, adeus, fique bem. Era uma rapariga loura e alta como um anjo, com os seus mesmos olhos de amor implacável. Empurrou-a com a mão firme sobre o ombro até estar sentada e afastou-se num passo certo, levada por uma convicção, sem se voltar. Mas era como se fosse ela, a enterrada no banco de plástico vermelho, diante de uma televisão do tamanho de uma fragata da Marinha de Guerra, era como se fosse ela a afastar-se, acenando quase, o lenço pronto ao olho – quem seria a loura aparição? Alguém muito próximo, sentia um interdito lá dentro, isso dizia serem talvez do mesmo sangue. Desaparecida a aparição na esquina do corredor, teve logo um arremedo de saudade. «E o Quincas?», perguntou à vizinha de sala de espera, que se encolheu, provocada na sua dor. Estava ali pela sua dor, tomava-a toda. «Olhe que tem de tirar a senha», do outro braço, um homem rouco. Ela mostrou a senha. Que dor tem, onde tem essa dor. Se sabe o seu nome, se tem nome, se a sua dor tem nome, que senha é,

de que cor é. «Não vejo o meu cão», disse ela. Mas sem a aflição de outrora, já nada convocava a aflição de outrora, o Quincas fugia e fugido ficava fugido, voltando quando voltava. Não lhe dói nada, não lhe doía nada. As dores tinham sido aos cinquenta, aos sessenta, aos setenta. Aos oitenta desistira de sofrer. Tinha as dores como se fossem de outro, com cerimónia, com indiferença. Gemia, ouvia-se gemer. Depois, ou ainda durante, esquecia. A contagem prolongada decrescente tem aspectos assim, vindo a falta de alarme da experiência e das mortes de outros, duradouras, medicadas, amparadas, torturadas, volvidas em histórias que se contam vezes demais para nos comoverem. A morte já passou, falta morrer. O seu corpo era uma coisa que ali estava no meio de outras, *machina inter machinas*, juntas, ferrugens, poalhas, limalhas. Manifestava-se de duas em duas horas na fome, na sede e nas vontades excretórias. Era uma pontada. Era uma cegueira. Era uma visão. Era uma queda. Era uma anca. Não revertia, acumulava. Soubera ao instante como tudo se iria passar, reconhecera sem as conhecer as caras dos gatos-pingados, sobrevivera a funerais, tomara chás e bolos de creme no regresso de cremações. Ficaram poucos, depois ninguém.

Nome? Teresa. Teresa Quê? Maria. Apelido? Lido. Idade? Cinquenta e quatro! Setenta e dois! Oitenta e sete! Noventa e sete! Os gritos ressoam à tarzan na sala de espera vazia e ficam a bater nas paredes como o anúncio do recorde de uma existência em apneia. Todos se aliviaram das queixas que traziam e seguiram para casa resmungando. Ela só na sala, as cadeiras de plástico pregadas umas

às outras e ao chão pelo sim e pelo não, as perguntas de uma de bata branca, esguedelhada, desleixada. Morada? Última! Sexo? Não me lembro! Filiação? Oh, minha mãe! Oh, querido pai! Se tem filhos, perguntou a outra, ácida. Uma filha, um filho. Os contactos deles? Deles, diz ela. Natural de não me lembro. Distrito de não me lembro. Freguesia de não me lembro. Primeiro não se lembrava do passado próximo, depois do passado remoto. Não atendia ao presente. Flutuava no tempo como uma amiba. Quem a veio trazer? Alguém seria, foi embora, uma rapariga alta, linda como um anjo, ruça, rebelde, destas que dizem tudo na cara das pessoas, a juventude é a vida, não quer saber de misérias. «O que é que esta senhora está aqui a fazer? Ó enfermeira Rosa, é inadmissível, se faz favor, o cheiro que aqui está.» Dá-se voz de comando à enfermeira. «Chame alguém, que esta senhora precisa de higiene, foi abandonada.» «Abandonada o caralho. Ninguém abandona o dinheiro!» E abriu a mão, mostrou o contado para a consulta. «Isso para que é?», «É para pagar ao médico!» «Qual médico?» «O da doença! O da morte!»

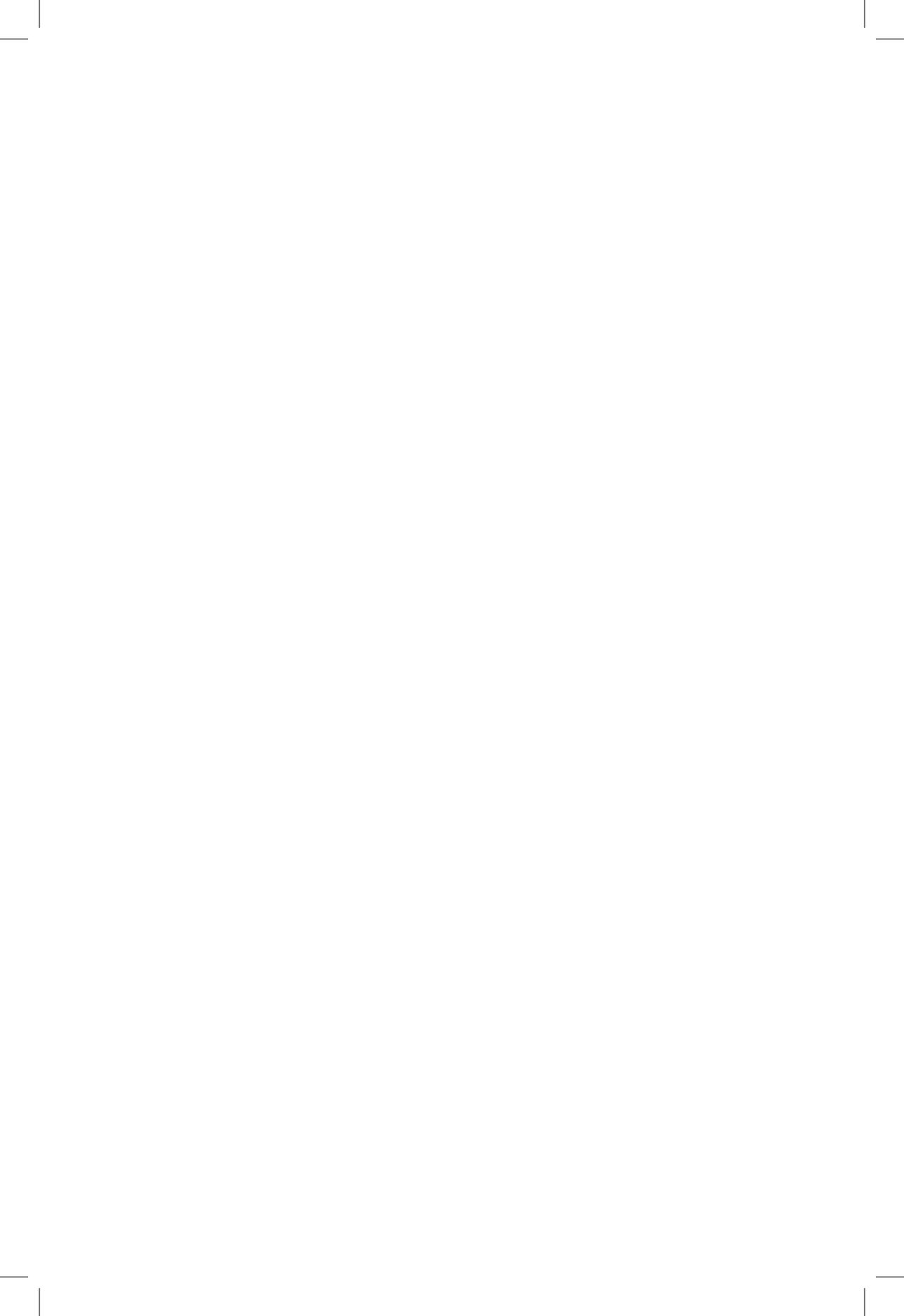
O palavrão a qualquer hora em qualquer lugar datava já da Terceira Idade. Gostava de dizer, quando era velha e ainda bem-falante, que o palavrão se usa como ênfase, quando é exigido e alivia a situação. Não é para gastar banal em minudências. Mas agora sabia-lhe bem ênfase a qualquer hora do dia e o palavrão era excremento, como expelir a mão e bater. A realidade, à medida que ia perdendo textura, perdia continuidade. Havia rasgões, momentos de nada. A ênfase queria dizer que tudo na

verdade sabia a pouco, se ia deslassando e que era preciso puxar pelo pouco que havia.

\*

Vai por um caminho de terra batida, vê o Quincas ali à espera com o focinho no chão, uno com o chão e da mesma cor de areia, e há vacas, há burros dóceis, caminha dentro de um bando de estorninhos. Oh, que lindas coisas, que luz tão doce. Que pena eu não sentir tudo o que estou dizendo. E a luz não entrar em mim, operando os seus milagres. Sempre esta pecha de sempre entre mim e a luz: não ser transparente, não querer ser transparente, não me deixar trespassar. Ser um toco de matéria no caminho, a opor resistência. Há burricos anões, lagartixas repentinas, moscas do gado, ratos dos campos, uma suspeição de ratos, de bubões, de peste nas ilhas, há laparotos que à noite se atiram contra os faróis, místicos laparotos, ansiando a união com pára-choques de pequenos automóveis. O visível ganha uma presença pictórica, e ela está como numa pagela de São Francisco de Assis no meio dos bichos. Não falará com os lobos, nunca tentará sermoná-los, não acredita em sermões. A vereda de pó vai dar a uma falésia sobre o mar. Pensa que se um dia tiver uma doença mortal aquele é o lugar de onde há-de levantar voo. Sem ser detida por ninguém, nem por Nossa Senhora da Nazaré, que fez estacar Dom Fuas Roupinho sobre as patas traseiras do cavalo. Empinado sobre o precipício, a mão do pronto-socorro do céu sofrendo o movimento natural da besta. Ela duvidava

que pudesse contar com outro tanto. Um impulso, um grito de horror e liberdade, e era uma vez uma velha. Assim que despegasse do chão, não havia volta a dar. Não sabia se havia de lançar-se, se deixar-se cair. Onde ir buscar essa força, a decisão que manda no impulso de recuar no último momento? Nem paz, nem salvação. Apenas ela completamente só e o zunido do ar, do ar morno e delicioso da ilha, e voar já com saudades da vida, mas tem de ser, tem de ser. O Quincas espetando a orelha, apanhado de surpresa, ganindo, indefeso, a vê-la cair a direito sobre as ondas. Que nem um prego. Afundada na imensidão das águas. Comida pelos peixes devagar da pesca à linha. Morte aérea e limpa, artesanal, sem resíduo. Apenas uns ossos pousados no fundo do oceano como algum tesouro. Adeus, adeus, fiquem bem, eu cá vou indo.



# I

## PRIMEIRO AMOR

Começa num jardim. Desde sempre uma desconfiança dos interiores obscuros, do que não leva o ingrediente do ar livre, antídoto de toda a obediência. Ela é uma criança absorta na brincadeira de fazer bolinhos de terra em formas de alumínio. A mão carrega na pasta de lama e pousa a forma na fila. As outras esperam, bem comportadas, um destino de recheio absurdo. O jardim leva um muro alto à roda, coberto de líquen, ao abandono. Alguém agoniza há tempos num quarto de cima, e nada medra nem morre de vez à sua volta: é uma bisavó que deixa reputação de intriguista e mau feitio. Sobreviveu aos irmãos, aos filhos, e agora destrata a neta, assolando-a de exigências e embirrações. A autoridade da moribunda não permite revolta, é uma autoridade que vem com a casa, como uma parede inamovível. O rancor escorre dela em cascata pela escada.

Pinheiros mansos, eucaliptos, árvores impróprias para jardim, mesmo numa cidade de província: um castanheiro secular que quase levanta a casa pelas raízes, uma grande

tília, oliveiras caprichosas, uma pereira raquítica no meio de loureiros e umas poucas plantas de canteiro. Ao fundo, um renque de roseiras ferrugentas, maltratadas. Choveu, folhas cintilam, há um cheiro podre. Teresa absorva a enformar de mão sapuda. Passa um vento nas copas das árvores que a faz levantar a cabeça, como apanhada em falta. A rajada morna salta o muro, vem do alto, mexe-lhe no cabelo, afasta-lho da cara. O vento descobre-a e ela sente-se exposta de repente. O mistério do vento súbito, sopro que transforma o ar parado, será no futuro uma das vozes do espírito de Deus. Deus vê tudo, vê dentro de ti. Sabe o que estás a pensar. Em que pensavas agora mesmo? Isso Deus sabe, mesmo que tu não saibas. Sabe o que fizeste. Aperta-se-lhe o coração, esmaga aflita a terra na forma, olha em volta, procura a janela da cozinha de onde sabe que o Rafael a observa. Revê o choro calado de Serena, e ela de dedo sobre a boca, a impor silêncio, que as mães podiam ouvir. Beliscava-lhe com força o interior do braço, para ver a dor surgir, a cara tingir-se de vermelho numa onda, os olhos brilhando no escuro do saguão; com a mão livre puxava-lhe bruscamente a cara para a luz coada pela frincha da porta, queria ver melhor, apertava mais a carne, o soluço vinha, as lágrimas saltavam, ela reforçava a exigência do silêncio, e ia abanando a cabeça, numa ameaça compassiva, «isto é para teu bem, não grites, o que dói salva, o que arde cura». Serena finalmente aceitava a dor, baixava a cabeça, depois levantava os olhos ao céu como os supliciados, punha a boca num beijo que lhe depositava no ar junto ao ombro, e encostando-se a

ela, suspirava. Quando a tinha submetida, Teresa espiava a nódoa ainda vermelha, dava-lhe uma pancadinha, um beijinho em bico, de raspão, como fazia a mãe às suas feridas e puxava-lhe o punho da manga para baixo a esconder a mancha. Abandonava de corrida o vão da escada, a casa das vassouras, onde eles viviam, Serena e o irmão, Rafael, e a mãe deles, Guiomar, a criada. Largava para o jardim como um cão à procura do seu cheiro, e não encontrando, corria entre as árvores e saltava por cima dos canteiros, a cada vez atirando-se contra o muro, arranhando as pernas nas roseiras, embatendo nele até ficar tonta, naquela imagem fixa da cara de Serena como Santa Catarina de Siena coroada de espinhos, imitando o Cristo perlado de gotas de sangue, cinzento de dores, os olhos no céu, vítima da humana maldade humana multimilenar universal irredimível e humana. Ela quer para si a palma do martírio de Serena e quer ser a autora dele. Mártir e carrasco, ainda à escolha, a cada qual o seu prazer. Dessa energia do mal feito por bem tira ela uma corrida. E sem saber já como aplacar-se, monta no seu cavalo, que é o tronco da árvore abatida por um raio, deitado a meio do jardim, ruína ali presente e símbolo da cólera divina, e cavalga-o até se cansar. As pernas a dar a dar, a rédea solta, o braço erguido a rodar o laço. Mas a hora seguinte encontra-a cabisbaixa e muda, sem saber como entreter-se.

Rafael espreita da janela da cozinha. Vive à espreita e à escuta. Anda no corredor rente às paredes, nas salas roça os sofás, as mãos apalpando substâncias, algum estofado, aliando o veludo. Vê Teresa agachar-se na lama e, de costas

para ele, pegar nas formas de alumínio. Sabe o que ela fez. Sabe o que ela está a fazer. E sabe o que fará, hoje à tarde, ou amanhã, mas não se importa de esperar. Quando estão os dois lá em cima no quarto de passar que ainda cheira ao queimado do ferro na roupa limpa e ele a conduz com pequenos empurrões da barriga à janela de onde vêem Guiomar estender a roupa no quintal em frente da cozinha, ela deixa-o finalmente encostar-se e ter um alívio momentâneo. O sofrimento que agora sente ao vê-la distante e distraída, metida na sua própria culpa, é enfim justificado. Ardem-lhe as mãos nos bolsos. As mãos em que ela bate de brincadeira quando ele lhas avança para o peito, sapatadas com força, e diz: «Não, não quero» e ele insiste. Há risos abafados, Rafael põe a mão à frente da boca para esconder a carne das gengivas. «Vá, faz como eu quero», e ele tem de sopesar-lhe o peito, apalpá-lo como pêssegos na mercearia, e pedir «deixa, deixa». «Fecha os olhos», diz ela, ele obedece, ela afasta os braços, deita a cabeça para trás, entrea-bre a boca, avança o esterno às festas dele e vê o Cristo pregado na cruz, já lho disse. Uma visão na parede nua. Ele despacha-se, de repente com maus modos, com medo de que ela se retire. Mas cedo ela volta a si, recua, afasta-se mais, senta-se sobre a pilha de roupa, exige «agora faz-me festas no cabelo», e ele leva a mão vermelha e marcada das pancadas ao cabelo dela, que é tudo menos sedoso, e alisa-o com a palma, a tremer de excitação e julgando que ela gosta ao menos do sofrimento que lhe causa. É por isso que, sempre com festas na cabeça, mais bruscas que delicadas, a puxa para ele e a empurra com a barriga em solavancos

secos para a janela, medindo cada gesto como se manipulasse barrotes de nitroglicerina. E ela ausenta-se, finge que não é, finge que não está, finge que não sente, para deixar que lhe mexa por dentro e sinta ele, culpado e condenado à solidão, o que é estar pregado numa cruz. Guiomar vê-os do quintal, hirtos na quadrícula da janela, acena, grita no seu tom de optimista infeliz: «O que andam os meus meninos a fazer, seus malandretes? Sabem muito bem que não vos quero ao pé da roupa!» Teresa desengaja-se dele, afasta-se da janela, mete-se para dentro e olha-o de frente, furiosa. Rafael abandona depressa o quarto. Leva o passo do foragido que não quer partir, mas se vê obrigado a fazê-lo, para salvar a pele. Conhece-a bem de mais para pedir ou suplicar. Sabe que ela não tem culpa, nem desculpa. Ninguém tem culpa. Nem ele, nem a sua condição, nem a infelicidade da mãe, nem a morte do pai, nem a humilhação perpétua da irmã, nem a servidão da senhora, nem a indolência colérica e sarrazinosa do patrão. Nem o seu desejo, a fome que o leva a roubar aqui e ali pedacinhos de coisas e a encher com eles os bolsos das calças e do colete.

Ela desarruma por fastio a roupa passada a ferro, desdobra um lençol, embrulha-se nele e avança para a janela. É Santa Teresa, coberta de brancura e a cheirar a lavado. Arranha a vidraça com a unha suja de terra e descola uma mosca morta. A palavra que lhe ocorre é Palestina, a terra prometida do seu sonho, onde Jesus viveu. É a Terra Santa, a que o papa beija por excelência quando lá chega, embora se ajoelhe e beije oficialmente todas as pistas de todos os aeroportos de todos os países de todas as religiões do

mundo. Mas sente-se que o faz por dever; em Jerusalém é o beijo originário do peregrino, de que todos os outros decorrem, da terra que é espírito, fisicamente amável, beijo místico que em Teresa mais tarde se estenderá ao planeta inteiro, azul no espaço, convertido em objecto da luta pela sua pureza e pela sua eternidade. Vê Rafael abrir a cancela do jardim e embrenhar-se no bosque. Embrulha-se mais e deita-se na roupa, amortalhada.

Que fazem as santas mártires? As Sincléticas, as Melânias, as Olímpias, as Eustóquias? Zarpam para o deserto, metem-se a cenobitas, eremitas, fugidas como Teodora, disfarçada de homem, a evitar o estupro, o casamento e a violação no casamento; pedem a Deus que as desfigure para não atraírem noivos; e Deus acede e desfigura, dá-lhes barba como a Liberata, salva-a do destino da irmã, Quitéria, degolada pelo pai ao recusar o noivo que ele escolhera; ostensiva como os santos dos primeiros dias, Quitéria marcha para o cemitério pelo seu próprio pé, de cabeça entalada debaixo do braço. E todas tapam os cabelos, cobrem a cara, enfaixam o peito, disfarçam encantos, escondem rabos, braços, pernas, nunca se sabe que parte do esqueleto atrairá o destrutivo desejo do noivo, correm para o deserto, escondem-se em grutas e cavernas, onde não sejam vítimas da própria beleza, templo da vaidade, amiga do demónio, sinal da podridão, que não dissimula a caveira mas atrai os homens como fruta serôdia, pasto de moscas. À janela, no quarto clandestino, de olhos fechados, com culpa e com medo, escândalo e riso de mão-na-boca – é assim o seu primeiro amor.